

Universidade Federal de Minas Gerais
Instituto de Geociências

Adriana Ferreira de Melo

Uma cosmologia do sertão

volume 2

Belo Horizonte
2011

Adriana Ferreira de Melo

Uma cosmologia do sertão

volume 2

Segundo volume de tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Doutorado, do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Linha de Pesquisa: Teoria, Métodos e Linguagens em Geografia.
Orientador: Prof. Dr. Cássio Eduardo Viana Hissa.

Belo Horizonte
2011

M528s Melo, Adriana Ferreira de.
2011 Sertões do mundo, uma epistemologia [manuscrito] ; Uma cosmologia do sertão / Adriana Ferreira de Melo. – 2011.
2v. : il. (color.).

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2011.

Área de concentração: Teoria, Métodos e Linguagens em Geografia.

Orientador: Cássio Eduardo Viana Hissa.

Bibliografia: f. 107-116.

1. Território – Teses. 2. Epistemologia – Teses. 3. Comportamento espacial – Teses. I. Hissa, Cássio Eduardo Viana. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências. III. Uma cosmologia do sertão. IV. Título.

CDU: 114

O melhor, sem dúvida, é escutar Platão: é preciso – diz ele – que haja no universo um sólido que seja resistente; é por isso que a Terra está situada no centro, como uma ponte sobre o abismo; ela oferece um solo firme a quem sobre ela caminha, e os animais que estão em sua superfície dela retiram necessariamente uma solidez semelhante à sua.

Plotino

Sumário

121	Sertões em Rosa	146	As missões...
122	O gerais	147	Metamorfose
123	Miolo mal do sertão	148	Prosperidade de São Paulo
124	O cujo interior	149	Vilar transformava o trabalho do quarup...
125	Os cheios	150	Hã-hã. Isto não é casa...
126	Varanda de ver nuvens	151	Mecê pode comer, paçoca é de tamanduá não...
127	Espera	152	Canto dos palmares
128	Política trabuco	156	Anaiuri fica na toca muitas luas...
129	Guerra	156	Era a voz antiga das mulheres...
130	Infinito	157	Andei lhe ensinando...
131	Matéria vertente	158	A terra, o homem, a luta
132	Dentro da gente	160	Ressurreição da flora
133	sem lugar	161	Guerra
135	O mundo e o lugar	162	Maldição sobre a Jerusalém de taipa
137	Qual mundo?	163	Como se faz um deserto
138	O mundo inteiro	164	Travessia
139	Pacífico?	165	Os crentes
140	O desconhecido	166	Canudos-Iduméia
141	O Oriente	167	Dodecassílabos
142	Uma rota	168	O monstro
143	Nova Totivs terrarvm orbis	169	O prisioneiro
144	...no meio do Redemoinho	170	Manoel e Rosa
145	Travessia	171	Da morte de Monte Santo

172	O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão	195	homens e tempos
173	A Favela e o morro	196	sementes arrancadas de um hino
174	As favelas	197	Carteira de Identidade
175	O morro da favela	199	Somos muitos Severinos...
176	Favelas	200	Lhe concordo, doutor: sou eu...
177	malungo	201	Desta feita, porém, é diferente...
178	Paisagem n° 1	202	Eu sei, doutor, lhe estou roubando o tempo...
179	Uns homens estão silenciosos	203	Chego à loja dos televisores e me sento...
180	Língua	204	Óia, meu fio...
181	A de muito que na Corruptela onde a gente vivia...	205	Vimos os postos de controle...
182	As árvores velhas quase todas foram preparadas...	206	E depois, um dia, você não ouve mais nada...
183	o Chico às vezes enche...	207	“Hala... selvagens...árabes”...
184	arrepio	208	Emigração
185	Antônio Carrancho	209	Onde nasci não passa um rio
186	Teologia do traste	210	Vozes-mulheres
187	Conheço de palma os dementes de rio...	211	Atopia, utopia
188	Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço...	213	Os conflitos aumentam
189	Queremos ser vistos...	214	O corpo cantante...
190	A polícia não tem lugar para botar a gente...	215	São tantos
191	O andarilho	216	Surdo tropear de bárbaros
192	orfandade da terra	217	O lápis
193	tempo a tempo	218	De 2002 a 2005
194	cepas		

Sertões em Rosa

Esta cosmologia é apresentada em cinco séries de imagens: "Sertões em Rosa", "O mundo e o lugar", "A terra, o homem, a luta", "A favela e o morro" e "Atopia, utopia". Inaugura-se a partir das imagens do *lugar-sertão* em Rosa,¹ transcriadas, aqui, da poesia da prosa, para a prosa da poesia em versos. *Lugar* que se interioriza junto com o Brasil do ciclo do couro para revelar sua "exteriorização" ao *mundo* interiorizando-se na condição humana. Desse aparente paradoxo cósmico, moto contínuo do *mundo em nós*, compõe-se a *matéria vertente* das imagens dos sertões do mundo em todos os lugares nos mais diversos espaços-tempos. Do *lugar* para o *mundo*, do *mundo* para o *lugar*, a aventura, densa e complexa, particular e universal do *humano, demasiadamente humano*, se renova, traduzida, transcriada, transculturada nos mais diversos espaços-tempos, em *nós*, viagem a ser permanentemente enfrentada, experimentada, vivida: territórios de sertões e utopias.

¹ ROSA. *Grande sertão: veredas*.

O gerais

campos-gerais a fora a dentro
 onde os pastos carecem de fechos
 onde um pode torar dez quinze léguas
 sem topar com casa de morador
 e onde criminoso vive seu cristo-jesus
 arredado do arrocho de autoridade

fim de rumo

a pobreza daquelas terras
 só pobreza
 a sina tristezinha do pouco povo
 pelo que faltava de água

mas no gerais tem disso
 que passando noite tão serena
 desse de repente
 o desabe daquela chuva

esses gerais em serras planas

beleza por ser tudo tão grande
 repondo a gente pequenino

ah, que tem maior!
 para os de Corinto e de Curvelo
 então, o aqui não é dito sertão?

O gerais corre em volta
 sem tamanho

Miolo mal do sertão

era um sol em vazios
o chão gretoso e escabro
com restolho de graviá de áspera raça

o raso pior havente
escampo dos infernos
sem o simples de passarinhos faltantes

avarezas d'água, chuvas esquecidas
estralal do sol

a umas poucas braças
puxando os cascos dos cavalos
o reafundo do areião
verde-preto cor de cobra

caminho não se havendo

no vagado
vi visagens
duro chão rosado ou cinzento

mesmo padrão de lugar
a luz assassinava demais
nem menos uma sombra
os cavalos gemiam descrença
onde é que iam poder pastar?

os companheiros se prosseguindo
o do pior caiu total, virado torto
valentia vale em todas as horas?

vi uma roda de caras de homens
suas caras, credo como algum

o sol deslizando de um lado
a noite se armando do outro
só não acabamos sumidos dextraviados
por meio do regular das estrelas

O cujo interior

era um feio mundo por si exagerado

o chão sem se vestir
que quase sem seus tufos
em apraz e apraz

onde a vista não se achava e se perdia
casco que fere faíscas
palmo de areia de cinza em-sobre pedras

cabeça-de-frade pintarroxa
xiquexique espinharol, caçto preto, caçto azul

aquilo que em chuvas
de flor dói em branco

a gente estava encostada no sol

a uns lugares estranhos

ali tinha carrapato
que é que chupavam por miudinho viver?

mistério que tinha de tudo

o dar de aranhas, formigas, abelhas do mato
aviso de flores, folhagens

urtigão, assa-peixe, o neves
a tinta-dos-gentios, anil-trepador
a maria-zipe, amarelas
pespingue de orvalhosas

a erva-curradeira, a quixabeira
a sinhazinha, muito milindrosa
o gravatá

cacimbas d'água

a coragem de árvores de mata
simaruba, anis, canela-do-brejo, pau-amarante
o pombo, a gameleira branca

Os cheios

campo solteiro em varjaria descoberta
 pasto de muito gado

o grito a mil do pássaro rexenxão

chusmas pretas até brilhantes
 amanheciam numa restinga de mato

bondosos dias

madrugar vagaroso, vadiado
 o refimfim do orvalho
 a estrela-d'alva

os grilinhos do campo

vaga-lume se esparramando de acender
 mil demais

esteira de luz de fogo verde

talentos de lua escondida
 o surro dos ramos
 em noites sem estrela

o diabo na rua no meio do redemunho

remôo do vento nas palmas dos buritis
 quando é ameaço de tempestade

todo dia se comia bom peixe novo
 curimatã ou dourado

Varanda de ver nuvens

queria ouvir uma bela viola de Queluz
e o sapateado de pés dançando

o batido do monjolo dia e noite
a cozinha grande com fonalha acesa

os cômodos sombrios da casa
os currais de adiante

os negros que ainda sabem cantar gabos em sua língua da Costa
as vendinhas com licor de banana e de pequi
a velha trançando peneiras e pitando cachimbo
picando ou dedilhando fumo no covo da mão

com muita demora

o sertão nunca dá notícia
o sertão é uma espera enorme

Versificado de *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa

Espera

Lá era como ainda hoje é
mata alta

por entre árvores um carro de bois
de escassa baba

mastigavam grandes distâncias

tanto trabalho por uns metros de água mansinha
na falta duma ponte

ao que no carro-de-bois levam muitos dias
em horas o senhor em seu jipe resolve
até hoje é assim, por borco

Versificado de *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa

Política trabuco

Sertão
o senhor sabe:

é onde manda quem é forte
com as astúcias

Deus mesmo, quando vier, que venha armado!
E bala é um pedacinhozinho de metal

Versificado de *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa

Guerra

sertão é o penal, o criminal
o grande sertão é a forte arma
morrer em combate é coisa trivial

homem rasteja feito bicho
o punhal atravessado na boca
o peito roçando espinhos
vem pular nas costas da gente
relampeando faca

Versificado de *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa

Infinito

o sertão está movimentante todo tempo
salvo que o senhor não vê
é que nem braços de balança
para enormes efeitos de leves pesos

aprender a viver é que é o viver mesmo
o mais importante e bonito do mundo é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais
ainda não foram terminadas

Versificado de *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa

Matéria vertente

queria entender do medo e da coragem
e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos
dar corpo ao suceder

como o rio, o sertão se movimenta, escoia, escorre
é toda a vida de longe a longe
rolando essas braças águas de outra parte
de fugidia no sertão

como o sertão o rio não quer ir a nenhuma parte
ele quer é chegar a ser mais grosso mais fundo

Versificado de *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa

Dentro da gente

o senhor enche uma caderneta
o senhor vê aonde é o sertão?
beira dele, meio dele?
tudo sai é mesmo de escuros buracos
tirante o que vem do céu

sei o grande sertão?

sertão

quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota
esses pássaros
eles estão sempre no alto
apalpando ares com pendurado pé
com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas

as coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca
cabem é no brilho da noite
absolutas estrelas

Versificado de *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa

sem lugar

e nisto que conto ao senhor
se vê o sertão do mundo

Versificado de *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa

O mundo e o lugar

Considerando os territórios de sertões produzidos a partir do pensamento moderno ocidental, produtor de *cartografias omissas*, *atopias* e também *utopias*, do século XVI até a contemporaneidade, o mundo dos sertões dos múltiplos lugares dos diversos espaços-tempos é marcado pelo encontro de diferentes alteridades e seus lugares e territórios de vida, de cultura. Sob novas e antigas formas, sertão é espaço de *fronteira*, de transculturação, de movimento, transformação.

Embora não se fundamente num tempo único e linear, esta *Cosmologia* continua a sua organização a partir das imagens dos sertões da África portuguesa, que se estendem ao Brasil colonial, atravessando o Império e a sua transformação em República e daí ao mundo dos lugares os mais diversos em que se produz *atopia* na contemporaneidade, lugares e territórios de exclusão social.

No contato entre diferentes territórios, suas alteridades, um acaba por impor ao outro a apropriação dos seus territórios pela violência. Através das imagens de *atopia*, disseminadas no campo, na cidade, na metrópole, no mundo urbano-rural dos diversos *corpos de mundo*,¹ as imagens de sertão dos diferentes espaços-tempos se comunicam. Mas não apenas através delas. O recorte de imagens do mundo dos lugares-sertão revela também o cotidiano, os costumes, a vida cultural, econômica, política e particular de um sujeito ou de um grupo social para além das relações de apropriação/violência.

Do corpo a corpo da violenta luta travada entre diferentes territórios nos momentos fundadores da história do pensamento moderno, à violência contemporânea da *etnobiopirataria*,² apropriação dos conhecimentos de comunidades tradicionais sobre a biodiversidade, o contato entre diferentes

¹ HISSA. Territórios de diálogos possíveis.

² PORTO-GONÇALVES; RIBEIRO. Partilhando versões sobre ciência e política.

alteridades assumiu e assume múltiplas formas, reveladas pelo lugar-sertão, lugar-cosmo presente em toda parte.

Qual mundo?



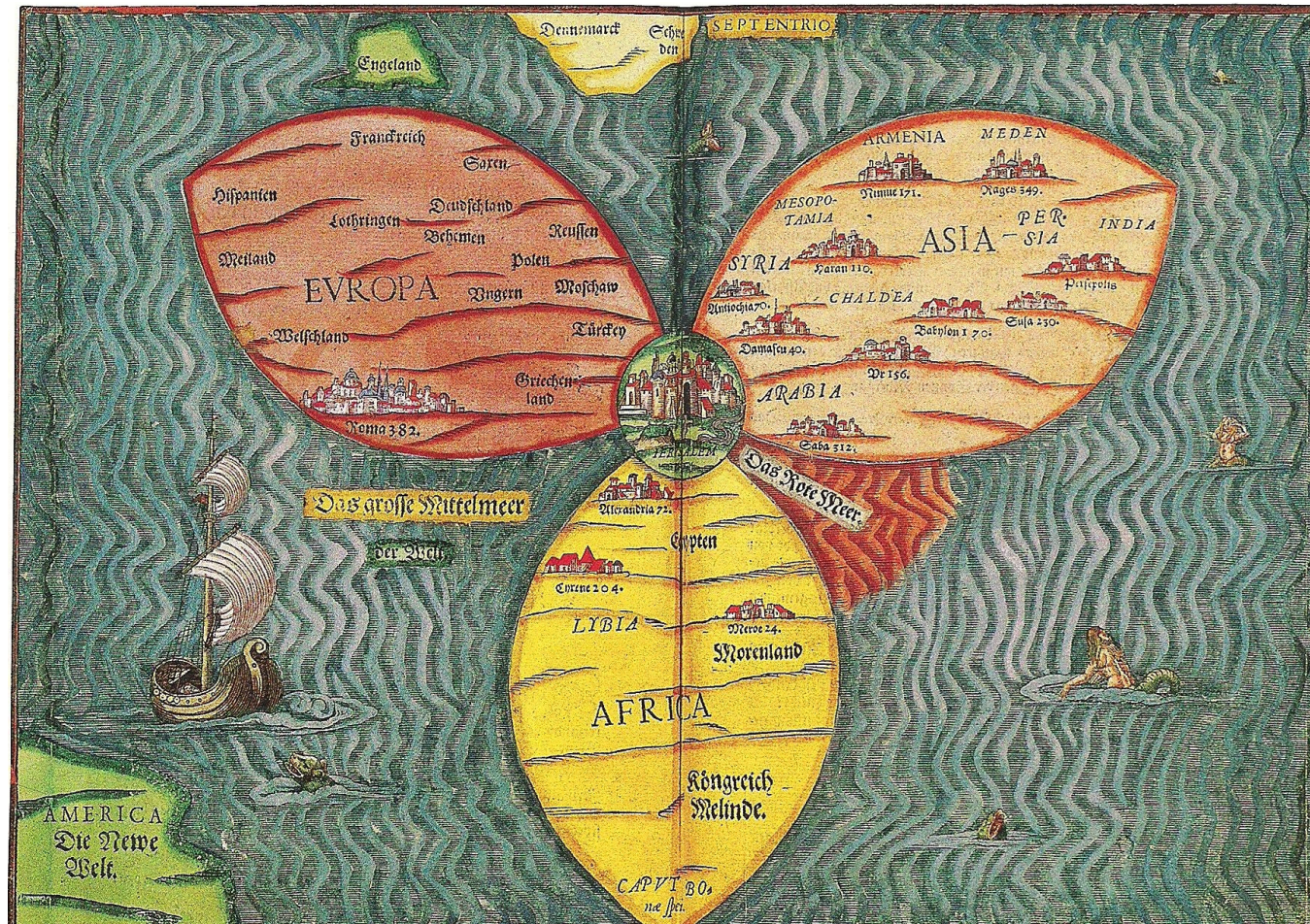
A Terra

Le Monde

Livre des propriétés des choses, Barthélemy l'Anglais, Poitiers, vers 1480

Département des Manuscrits, Français 9140

O mundo inteiro



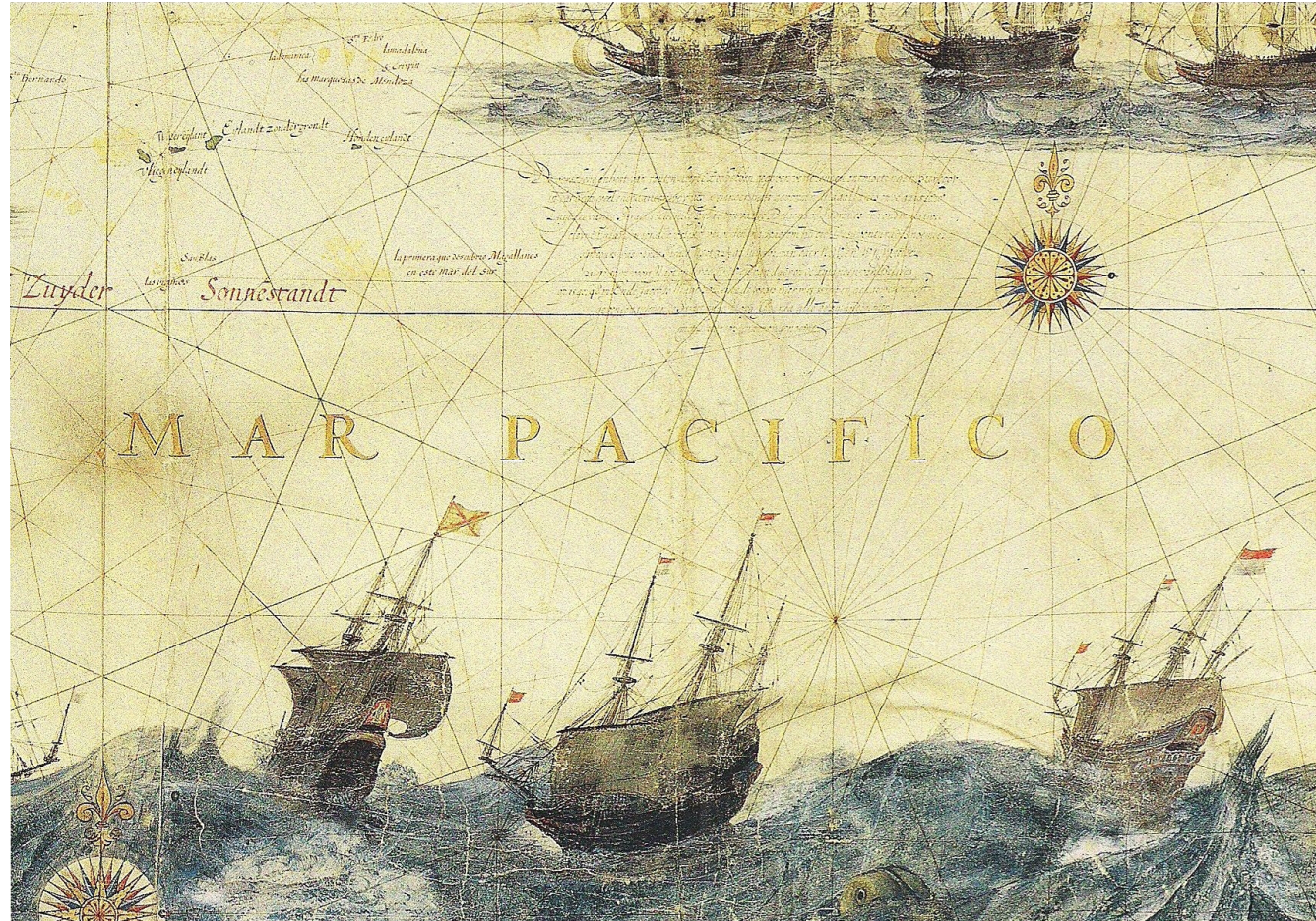
O mundo inteiro numa folha de trevo

Le Monde entier dans une feuille de trèfle

Heinrich Bünting. *Itinerarium Sacrae Scripturae*, Magdeburg, 1582

Département des Livres imprimés, Rés. O²f972

Pacífico?



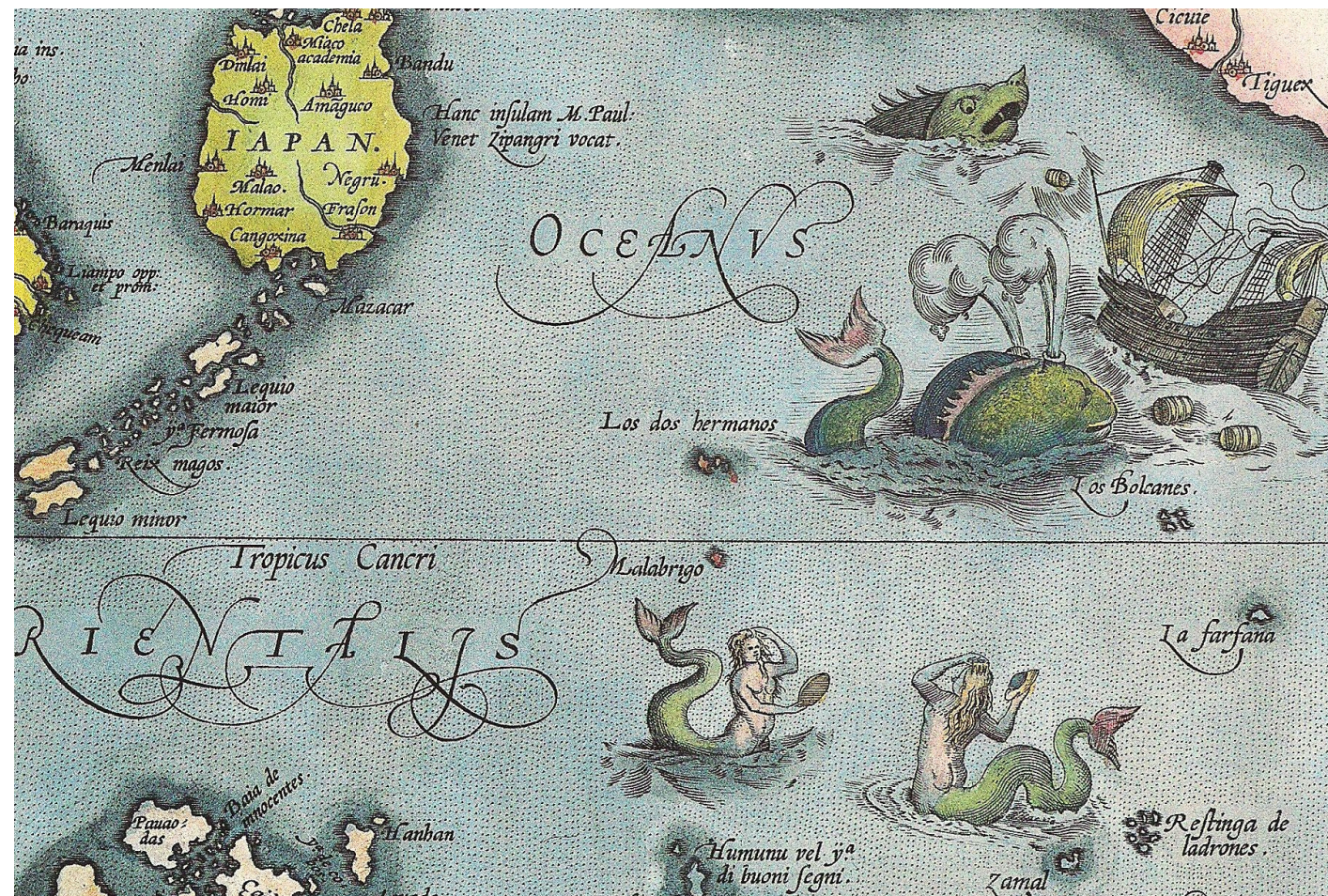
Navios numa tempestade do Pacífico (detalhe)

Navires en proie à la tempête dans l'Océan Pacifique (détail)

Détail d'une carte nautique de Hessel Gerritz, 1622

Département des Cartes et Plans, Rés. S.H. Archives 30

O desconhecido



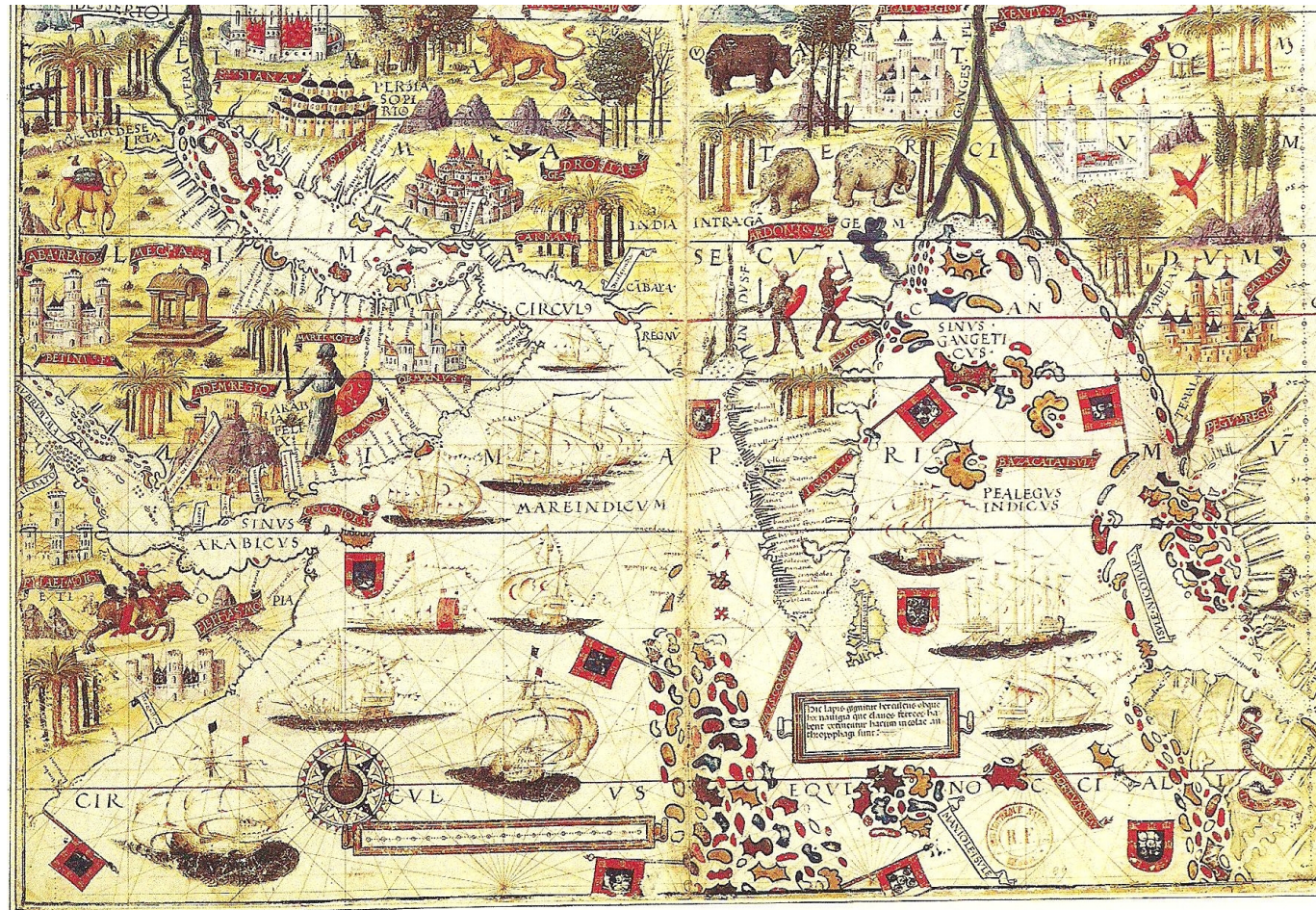
Sereias e baleias (detalhe)

Sirènes et baleines (détail)

Abrahamus Ortelius, Theatrum orbis terrarum, 1574

Département des Cartes et Plans, Rés. Ge DD 2005

O Oriente



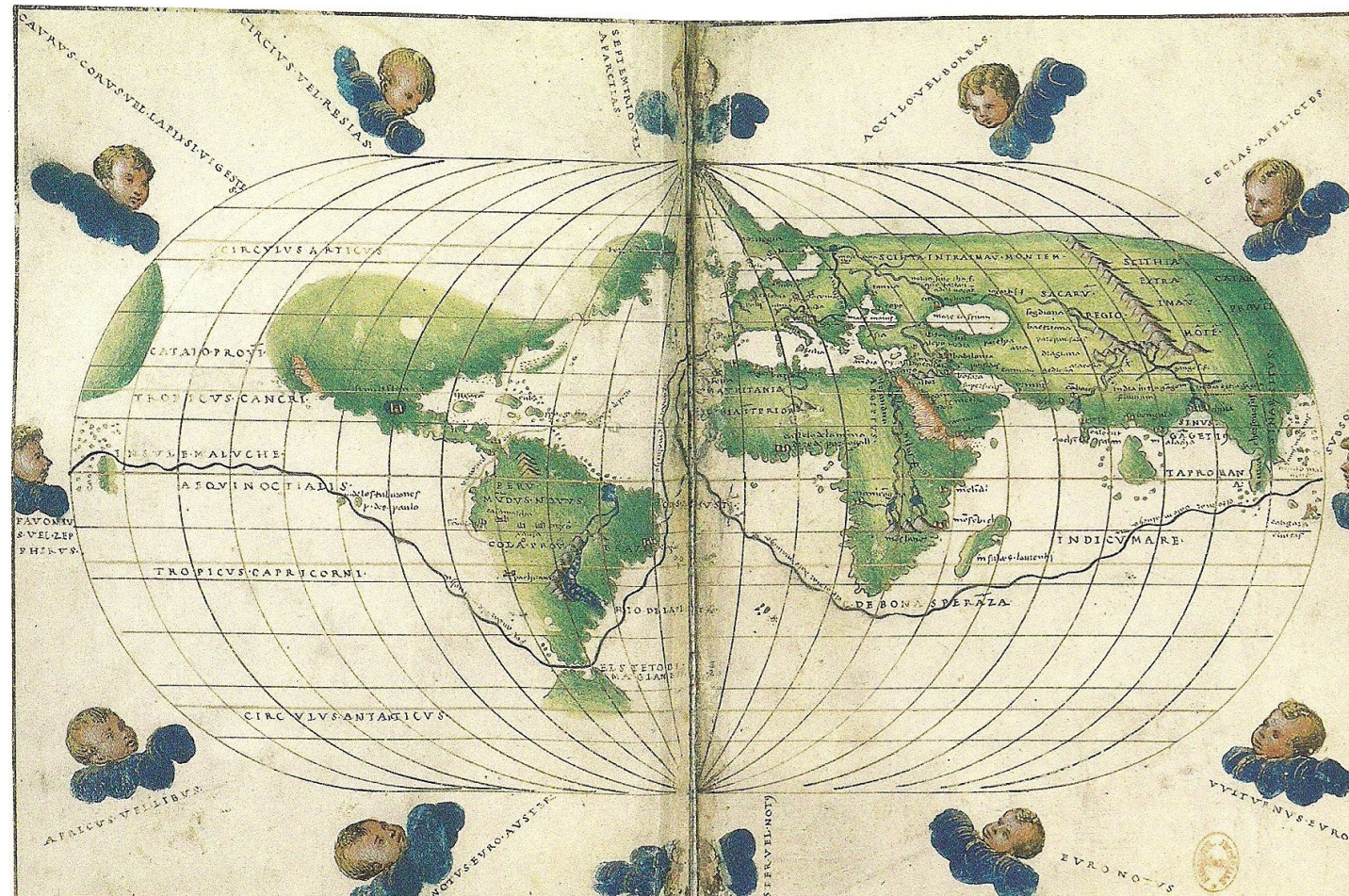
O Oceano Índico

L'Océan indien

Atlas nautique pourtugais, dit Atlas Miller, Lopo Homem. 1515-1519

Département des Cartes et Plans, Rés. Ge DD 683

Uma rota



A rota de Magellan

La Route de Magellan

Battista Agnese, Atlas nautique, Venise, vers 1543

Département des Cartes et Plans, Rés. Ge FF 14410

Nova Totivs terrarvm orbis

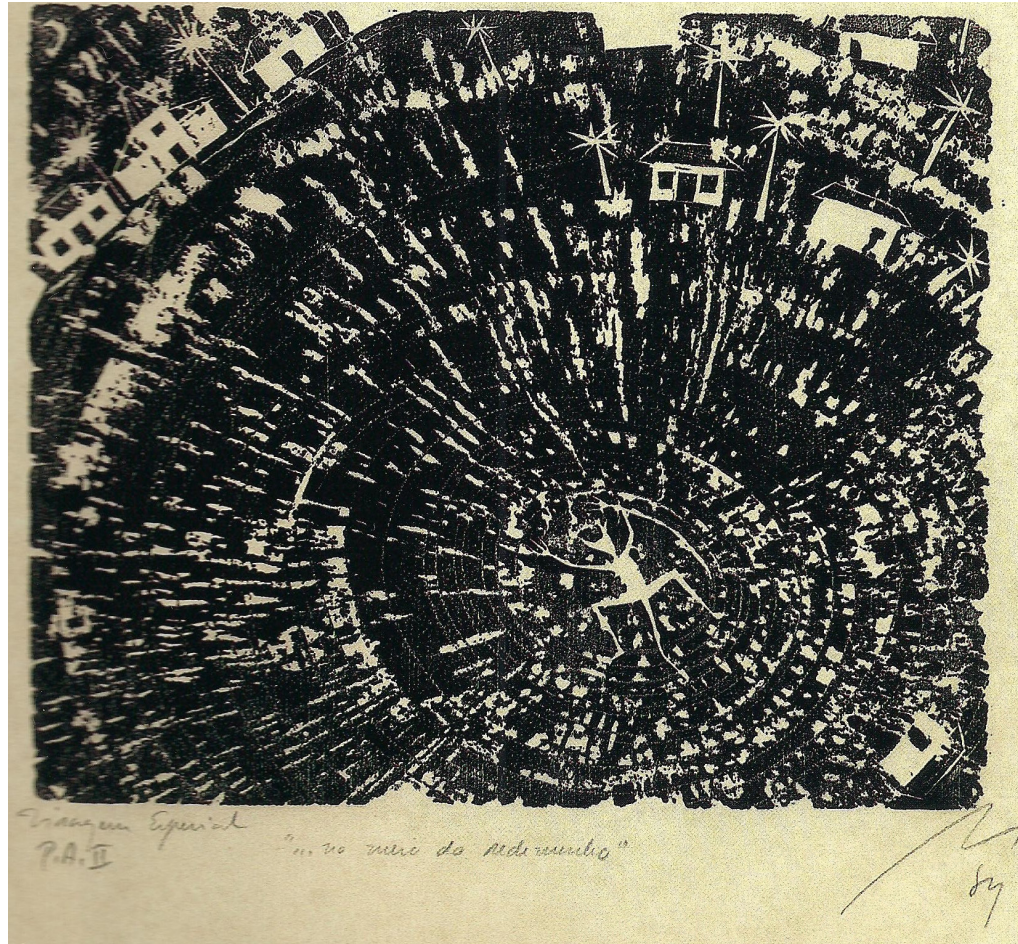


Planisfério

Carte du monde

Henricus Hondius terrarum orbis geographica ac hydrographica tabula. 1630

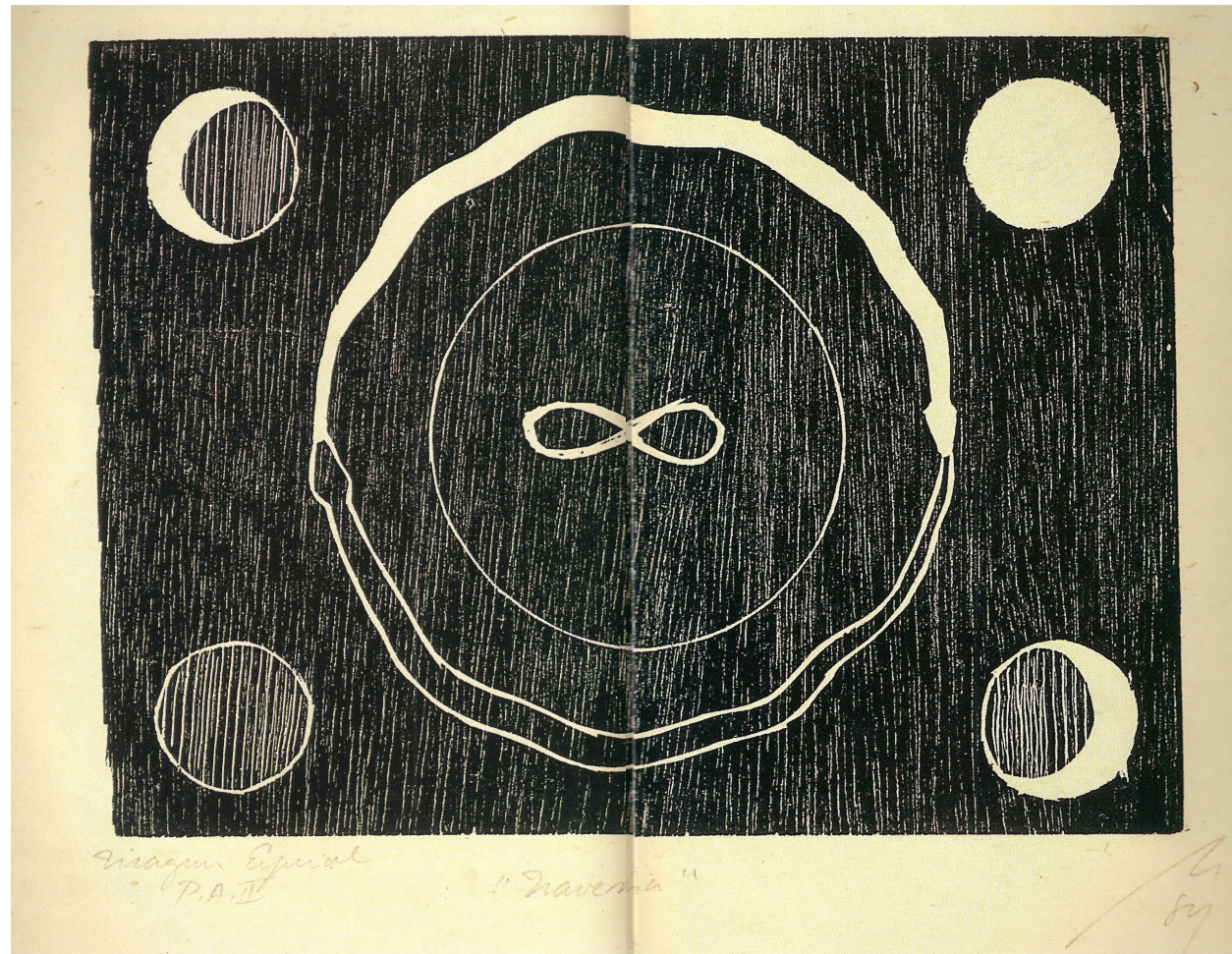
Département des Cartes et Plans, Ge D 12275



"...no meio do Redemoinho"

Arlindo Daibert. Xilogravura, 1984

Tiragem especial P. A. II. 15 x 17,5 cm



"Travessia"
Arlindo Daibert. Xilogravura, 1984
Tiragem especial P. A. II. 12,5 x 17 cm

As missões, derramando, até onde lhes era possível, a luz da civilização, pregando o amor do próximo, o sentimento da caridade, e o affecto de irmãos entre os povos bárbaros da Africa, da Asia e da America, são poderosos testemunhos d'essa¹ influencia, e em parte alguma Ella se fez tanto como nos vastos sertões do congo.

Alfredo de Sarmiento, *Sertões d'Africa*

¹ Sarmiento se refere à influência do colonizador sobre os povos do Congo.

Metamorfose

Meu avô foi buscar prata
mas a prata virou índio.

Meu avô foi buscar índio
mas o índio virou ouro.

Meu avô foi buscar ouro
mas o ouro virou terra.

Meu avô foi buscar terra
e a terra virou fronteira.

Meu avô, ainda intrigado,
foi modelar a fronteira:

E o Brasil tomou forma de harpa.

Cassiano Ricardo, *Martim Cererê*

Prosperidade de São Paulo

Ao redor desta vila
estão quatro aldeias de gentio amigo
que os padres da Companhia doutrinam
fora outro muito
que cada dia desce do sertão

Oswald de Andrade, *Pau-Brasil*

Vilar transformava o trabalho do quarup numa espécie de violento folguedo. Com Vanderlei e Eleutério, com o Capitão Canato e os índios, Vilar foi buscar lenha da derrubada no campo de pouso e pôs-se a desbastar os paus para fazer dezenas de moquéns para moquear milhares de peixes. A febre se comunicou ao mulherio índio que armazenava o peixe já moqueado e abria caminho para os peixes das bombas. Os jiraus do moquém afogueados pelos braseiros transbordaram do terreiro, se esparramaram pelas cercanias. As tribos recém-chegadas davam sua mãozinha aos anfitriões. Cuias de caxiri circularam. Mulheres puseram-se a dançar em fila. E voltava Vilar segurando pela proa, acima da cabeça avermelhada pelo fogo, uma ubá com os últimos peixes, segurada na popa por Sariruí.

Antonio Callado, *Quarup*

Há-há. Isto não é casa... É. Havéra. Acho. Sou fazendeiro não, sou morador... Eh, também sou morador não. Eu – toda a parte. Tou aqui, quando eu quero eu mudo. Aqui eu durmo. Hum. Nhém? Mecê é que tá falando. Nhor não... Cê vai indo ou vem vindo? Há, pode trazer tudo pra dentro. Erê! Mecê desarreia cavalo, eu ajudo. Mecê peia cavalo, eu ajudo... Traz alforje pra dentro, traz saco, seus dobros. Hum, hum! Pode. Mecê cipriuara, homem que veio pra mim, visita minha; iá-nhá? Bom. Bonito. Cê pode sentar, pode deitar no jirau. Jirau é meu não. Eu – rede. Durmo em rede. Jirau é do preto. Agora eu vou ficar agachado. Também é bom. Assopro o fogo. Nhém? Se essa é minha, nhém? Minha é a rede. Hum. Hum-hum.

João Guimarães Rosa, *Meu tio Iauaretê*

Mecê pode comer, paçoca é de tamanduá não. Paçoca de carne boa, tatu-hu. Tatu eu matei. Tomei de onça não. Bicho pequeno elas não guardam: comem inteirinho, ele todo. Muita pimenta, há... Nhem? Á-hã, é, tá escuto. Lua ainda não veio. Lua tá vesprando, mais logo sobe. Hum, não tem. Tem candieiro não, luz nenhuma. Sopro o fogo. Faz mal não, rancho não pega fogo, tou olhando olho. Foguinho debaixo da rede é bom-bonito, alumeia, esquentada. Aqui tem graveto, araçá, lenha boa. Pra mim só, não carece, eu sei entender no escuro. Enxergo dentro dos matos. Ei, no meio do mato tá lumiando: vai ver, não é olho nenhum, não – é tiquira, gota d'água, resina de árvore, bicho-de-pau, aranha grande... Cê tem medo? Mecê, então, não pode ser onça... Cê não pode entender onça. Cê pode? Fala! Eu agüento calor, güento frio. Preto gemia com frio. Preto trabalhador, muito gostava. Buscava lenha, cozinhava. Plantou mandioca. Quando mandioca acabar, eu mudo daqui. Eh, essa cachaça é boa! Nhemnhem? Eu cacei onça, demais. Sou muito caçador de onça. Vim pra aqui pra caçar onça, só pra mor de caçar onça. Nhô Nhuão Guede me trouxe pra cá. Me pagava. Eu ganhava o couro, ganhava dinheiro por onça que eu matava. Dinheiro bom: glim-glim... Só eu é que sabia caçar onça. Por isso Nhô Nhuão Guede me mandou ficar aqui, mor de desonçar este mundo todo. Anhum, sozinho, mesmo... Araá... Vendia couro, ganhava mais dinheiro. Comprava chumbo, pólvora. Comprava sal, comprava espoleta. Eh, ia longe daqui, pra comprar tudo. Rapadura também. Eu – longe.

João Guimarães Rosa, *Meu tio Iauaretê*

Canto dos palmares

Eu canto aos Palmares
sem inveja de Virgílio, de Homero e de Camões
porque o meu canto é o grito de uma raça
em plena luta pela liberdade!

Há batidos fortes
de bombos e atabaques em pleno sol
Há gemidos nas palmeiras
soprados pelos ventos
Há gritos nas selvas
invadidas pelos fugitivos...

Eu canto aos Palmares
odiando opressores
de todos os povos
de todas as raças
de mão fechada contra todas as tiranias!

Fecham minha boca
mas deixam abertos os meus olhos
Maltratam meu corpo
minha consciência se purifica
Eu fujo das mãos do maldito senhor!
Meu poema libertador
é cantado por todos, até pelo rio.

Meus irmãos que morreram
muitos filhos deixaram
e todos sabem plantar e manejar arcos
Muitas amadas morreram
mas muitas ficaram vivas,
dispostas a amar
seus ventres crescem e nascem novos seres.

O opressor convoca novas forças
vem de novo ao meu acampamento...
Nova luta.
As palmeiras ficam cheias de flechas,
os rios cheios de sangue,
matam meus irmãos, matam minhas amadas,
devastam os meus campos,
roubam as nossas reservas;
tudo isto para salvar a civilização e a fé...

Nosso sono é tranqüilo
mas o opressor não dorme,
seu sadismo se multiplica,
o escravagismo é o seu sonho
os inconscientes entram para seu exército...

Nossas plantações estão floridas,
Nossas crianças brincam à luz da lua,
nossos homens batem tambores,
canções pacíficas,
e as mulheres dançam essa música...

O opressor se dirige aos nossos campos,
seus soldados cantam marchas de sangue.
O opressor prepara outra investida,
confabula com ricos e senhores,
e marcha mais forte,
para o meu acampamento!
Mas eu os faço correr...

Ainda sou poeta
meu poema levanta os meus irmãos.
Minhas amadas se preparam para a luta,
os tambores não são mais pacíficos,
até as palmeiras têm amor à liberdade...

Os civilizados têm armas e dinheiro,
mas eu os faço correr...
Meu poema é para os meus irmãos mortos.
Minhas amadas cantam comigo,
enquanto os homens vigiam a terra.

O tempo passa
sem número e calendário,
o opressor volta com outros inconscientes,
com armas e dinheiro,
mas eu os faço correr...
Meu poema é simples,
como a própria vida.
Nascem flores nas covas de meus mortos
e as mulheres se enfeitam com elas
e fazem perfume com sua essência...

Meus canaviais ficam bonitos,
meus irmãos fazem mel,
minhas amadas fazem doce,
e as crianças lambuzam os seus rostos
e seus vestidos feitos de tecidos de algodão
tirados dos algodoais que nós plantamos.

Não queremos o ouro porque temos a vida!
E o tempo passa, sem número e calendário...
O opressor quer o corpo liberto,
mente ao mundo
e parte para prender-me novamente...

– É preciso salvar a civilização,
Diz o sádico opressor...
Eu ainda sou poeta e canto nas selvas
a grandeza da civilização
a Liberdade!
Minhas amadas cantam comigo,
meus irmãos batem com as mãos,
acompanhando o ritmo da minha voz....

– É preciso salvar a fé,
Diz o tratante opressor...
Eu ainda sou poeta e canto nas matas
a grandeza da fé a Liberdade...
Minhas amadas cantam comigo,
meus irmãos batem com as mãos,
acompanhando o ritmo da minha voz....

Saravá! Saravá!
 repete-se o canto do livramento,
 já ninguém segura os meus braços...
 Agora sou poeta,
 meus irmãos vêm comigo,
 eu trabalho, eu planto, eu construo
 meus irmãos vêm ter comigo...

Minhas amadas me cercam,
 sinto o cheiro do seu corpo,
 e cantos místicos sublimizam meu espírito!
 Minhas amadas dançam,
 despertando o desejo em meus irmãos,
 somos todos libertos, podemos amar!
 Entre as palmeiras nascem

os frutos do amor dos meus irmãos,
 nos alimentamos do fruto da terra,
 nenhum homem explora outro homem...

E agora ouvimos um grito de guerra,
 ao longe divisamos as tochas acesas,
 é a civilização sanguinária que se aproxima.
 Mas não mataram meu poema.
 Mais forte que todas as forças é a Liberdade...

O opressor não pôde fechar minha boca,
 nem maltratar meu corpo,
 meu poema é cantado através dos séculos,
 minha musa esclarece as consciências,
 Zumbi foi redimido...

Anaiuri fica na toca muitas luas, não toma sol nem vento, nem a água da chuva já tocou seu fio de cabelo. Anaiuri fica entocado, só, calado, muitas luas. Depois ele aponta e lá do alto chama e escolhe: Anaiá vai inchar a barriga e vai ter dor, e o menino vai brotar de dentro e coçar. Anaiá vai urrar e zumbir. E explodir no pequeno anajá.

Sônia Queiroz, O dia de quebrar o coco

Era a voz antiga das mulheres, no tempo da minha infância. Chamavam-me para acender o lume. Cumpriam um preceito de antigamente: apenas um homem podia iniciar o fogo. As mulheres tinham a tarefa da água. E se refazia o eterno: na cozinha se afeiçoavam, sob gesto de mulher, o fogo e a água. Como nos céus, os deuses moldavam a chuva e o relâmpago.

Mia Couto, Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra

Andei lhe ensinando o lugar onde mora o mato bom, e o lugar onde cresce praga só. Principiei por lhe apresentar o derradeiro guarandi que se via na vizinhança da praia, contando o préstimo e a serventia daquela arv' e tão bonita... quando fronteemo um pelão de guapiruvu, numa ponta de rio, dei-lhe notícia que é pau de canoa, e que aqui se adota muito esse tal cedro mimoso p'r'o serviço de água. Achei da minha obrigação dar-lhe também notícia logo em seguida, que canoa de guapiruvu às vez' é tão larga que pode carregar dez ou doze pipas de caninha, e rolar uma por inteiro da popa à proa. Mas eu não voto muito em canoa desse pau, por ser meio leviana, e p'ra mim o maior estrupício, que um remador sofre e agüenta, é uma voga tonta no meio do mar.

Valdomiro Silveira, *Leréias*

A terra, o homem, a luta

O viajante que, como eu, inicia a cosmologia do sertão pelas imagens do *Grande Sertão: veredas* para só então se voltar a *Os sertões*, de Euclides da Cunha, depara-se com uma surpresa. Uma breve incursão por essa obra já nos revela os espaços poéticos e extra-poéticos que inspiraram Guimarães Rosa na construção do percurso do seu *grande sertão*, tanto no nível do significante, quanto do significado, das significações. O empedrado chão da caatinga, descrito por Rosa como “duro chão gretoso e escabro,” por Rosa, espelha-se no “[...] chão, gretando, recrestado,”¹ onde “ruge o noroeste dos ermos”, na prosa poética de Euclides. São inúmeras as recorrências desse “espelhamento” ao longo da obra.²

Em torno das relações entre a tríade *terra, homem, luta*, a partir das quais se constitui o *cosmo sertão* dos diversos espaços-tempos, podem-se ver, nas paisagens de Euclides, imagens dos sertões como *inferno e paraíso, esvaziamento e plenitude, distância e proximidade, mundo e lugar, atopia e utopia*, reunidos num mesmo espaço, tal como traduz Rosa, cinquenta e quatro anos depois, em *Grande sertão: veredas*. Para além do pensamento determinista ao qual está filiado, Euclides é um cosmopolita crítico: faz uma reflexão sobre o lugar do homem no mundo a partir da reflexão sobre o mundo do homem no lugar. Seu estudo sobre os sertões baianos do início da República aponta frequentemente para outros lugares do mundo, em relação analógica, revelando forte conotação política. Assim, Canudos é a nossa Vendeia³ ou a nossa Jerusalém de taipa ou ainda a nossa Idumeia.⁴

¹ CUNHA. *Os sertões*, p. 67.

² Embora não mencione tal espelhamento, Wille Bolle já afirmou ser o *Grande sertão: veredas* uma reescrita de *Os sertões* (*grandesertão.br*: o romance de formação do Brasil).

³ Departamento da França localizado na região de *Pays de La Loire*, Baía de Biscaia. A “revolta da Vendeia”, em 1793, foi um movimento de camponeses e artesãos em oposição à Revolução Francesa.

⁴ Região ao sul da Palestina, mencionada no Velho Testamento como “terra estéril,” “tomada por Stéphane Mallarmé como símbolo da gestação solitária do poema” (Augusto de Campos. *Os sertões dos Campos*).

Guimarães Rosa seleciona uma série de imagens d'*Os sertões* de Euclides e as transcribia nas mais variadas dimensões de significantes-significações no *Grande sertão: veredas*. Enquanto em Euclides, entretanto, a dialética atopia-utopia ocupa um espaço fundamental, manifestada ao longo da narrativa que culmina na denúncia contundente de um massacre, em Rosa essa dialética se interioriza no mistério mais profundo e particular da condição humana. Enquanto os sertões em Rosa fazem um percurso do lugar para o mundo e do mundo para o lugar, os sertões de Euclides privilegiam a reflexão mais coletiva do lugar no mundo. E, ao fazê-lo, termina por interrogar o lugar comum da existência, a condição do homem no mundo.

Ressurreição da flora¹

E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto. Sobre o solo que as amarílis atapetam, ressurge triunfalmente a flora tropical. É uma mutação de apoteose. Os mulungus rotundos, à borda das cacimbas cheias, estadeiam a púrpura das largas flores vermelhas, sem esperar pelas folhas; as caraíbas e baraúnas altas refrondescem à margem dos ribeirões refertos; ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves; assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de ônix.

Euclides da Cunha, *Os sertões*

¹ Título criado por Euclides da Cunha (*Os sertões*, p. 75). Na "ressurreição da flora", assim como em algumas outras descrições da "terra" d'Os sertões, está fortemente presente a imagem de sertão como deserto e paraíso, traduzida por Rosa nas duas investidas de travessia do Liso do Suçuarão pelo bando de jagunços liderado por Riobaldo. Na primeira travessia, o Liso se revela "o pior raso havente", "um escampo dos infernos, sem o simples de passarinhos faltantes" para se transformar, na segunda travessia, numa espécie de oásis onde se encontrava de tudo e se podia, então, "apalpar os cheios".

Guerra

Soldados possantes que vinham resfolegando de uma luta de quatro horas, caíram, alguns mortos por mulheres frágeis. Algumas valiam homens. Velhas megeras de tez baça, faces murchas, olhares afuzilando faúlhas, cabelos corredios e soltos, arremetiam contra os invasores num delírio de fúrias. E quando se dobravam, sob o pulso daquelas, julgadas e quase estranguladas pelas mãos potentes, arrastadas pelos cabelos, atiradas ao chão e calcadas pelo tacão dos coturnos – não fraqueavam, morriam num estertor de feras, cuspiendo-lhes em cima um esconjuro doloroso e trágico...

Euclides da Cunha, *Os sertões*

Maldição sobre a Jerusalém de taipa¹

O missionário, “como outrora os apóstolos às portas das cidades que os repeliam, sacudiu o pó das sandálias” apelando para o veredictum tremendo da Justiça Divina... e abalou furtando-se a seguro pelos becos, acompanhado dos seus sócios de reveses... Galga a estrada coleante, entre os declives da Favela. Atinge o alto da montanha. Pára um momento... Considera pela última vez o povoado, embaixo... É invadido de súbita onda de tristeza. Equipara-se ao Divino Mestre diante de Jerusalém.

Euclides da Cunha, *Os sertões*

¹ Título criado por Euclides da Cunha (CUNHA. *Os Sertões*, p. 96).

Como se faz um deserto¹

Esquecemo-nos, todavia, de um agente geológico notável – o homem. Este de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da história, o papel de um terrível fazedor de desertos.

Euclides da Cunha, *Os sertões*

¹ Título criado por Euclides da Cunha (*Os Sertões*, p. 280).

Travessia¹

Os jagunços em desordem, contudo, depois do primeiro arranco da fuga, volveram ainda ao mesmo resistir inexplicável. Abandonando as posições e franqueando a travessia perigosa, recebiam, de longe, os triunfadores, a tiros longamente espaçados.

¹ Título criado por Euclides da Cunha (*Os Sertões*, p. 523).

Os crentes

Não inquiriram para onde seguiam.
E atravessaram serranias íngremes,
tabuleiros estéreis e chapadas rasas
na marcha cadenciada pelo toar das ladainhas
e pelo passo tardo do profeta...

Augusto de Campos, *Os sertões dos Campos*¹

¹ *Os sertões dos Campos* são dois estudos sobre *Os sertões*, de Euclides da Cunha. O primeiro, de Augusto de Campos, é uma transcrição, em versos, de trechos do texto de *Os sertões*. O segundo é um ensaio de Haroldo de Campos sobre a tradução dessa obra para o alemão.

Canudos-Iduméia

“Je t’apporte l’enfant d’une nuit d’Idumée”
(Mallarmé)

Era uma evocação.
Como se a terra se ataviasse em dados trechos
para idênticos dramas,
tinha-se, ali, o que quer que era
recordando um recanto de Iduméia.

Augusto de Campos, *Os sertões dos Campos*
(trecho)

Dodecassílabos

Estala na mudez universal das coisas
estrídulo tropel de cascos sobre pedras
e naquela assonância ilhada no silêncio
o cataclismo irrompe arrebatadamente.

O doer infernal das folhas urticantes
corta a região maninha das caatingas
fazendo vacilar a marcha dos exércitos
sob uma irradiação de golpes e de tiros.

Augusto de Campos, *Os sertões dos Campos*
(trecho)

O monstro

Como um animal fantástico,
prestes a um bote repentino,
o canhão Withworth,
a matadeira,
empina-se
no reparo sólido.

Augusto de Campos, *Os sertões dos Campos*
(trecho)

O prisioneiro

um suspenso

pelas axilas entre duas praças
meio
desmaiado
tinha

diagonalmente

sobre o peito nu
a desenhar-se num recalque forte
a lâmina do sabre que o abatera

Augusto de Campos, *Os sertões dos Campos*

Manuel e Rosa viviam no sertão
trabalhando a terra com as próprias mãos.
Até que um dia, pelo sim, pelo não,
entrou na vida deles o Santo Sebastião.
Trazia bondade nos olhos,
Jesus Cristo no coração.

Glauber Rocha, *Deus e o diabo na terra do sol*

Da morte de Monte Santo
Sobrou Manuel Vaqueiro
Por piedade de Antônio
Matador de cangaceiro.
A estória continua
preste mais atenção:
Andou Manuel e Rosa
Nas veredas do sertão.
Até que um dia, pelo sim, pelo não
Entrou na vida deles
Corisco, Diabo de Lampião.

Glauber Rocha, *Deus e o diabo na terra do sol*

O sertão vai virar mar,
e o mar vai virar sertão!
Tá contada minha estória,
verdade, imaginação.
Espero que o sinhô tenha tirado uma lição:
Que assim mal dividido
esse mundo anda errado,
que a terra é do homem,
não é de Deus nem do Diabo!

Glauber Rocha, *Deus e o diabo na terra do sol*

A Favela e o morro

O Morro da Favela, em Canudos, foi assim nomeado pelos seus habitantes numa referência ao arbusto *favela*, que o revestia. Ao fim do massacre do arraial de Canudos, os soldados republicanos voltaram ao Rio de Janeiro com a promessa de receber moradias do Governo na então capital federal. Enquanto esperavam pela construção, obtiveram permissão do Ministro da Guerra para se instalar provisoriamente no centro da cidade, nas proximidades de um morro.¹ Como a promessa nunca foi cumprida, os ex-soldados lá permaneceram em precárias habitações. Essa situação teria motivado os ex-combatentes a nominar como *Favela* o morro do Rio onde precariamente se instalaram. Uma referência ao lendário morro de Canudos que acabou por favorecer o ataque do exército brasileiro ao arraial, situado um pouco mais adiante, bem abaixo do morro. Do alto da *Favela*, os soldados avistavam as aparentemente frágeis taperas de taipa. A partir daí, a palavra passaria a designar um fenômeno típico da urbanização moderna no Brasil e em várias partes do mundo.

¹ Atual *Morro da Providência*, no centro do Rio de Janeiro, ainda conhecido por antigos habitantes como Morro da Favela (www.favelatemmemoria.com.br).

As favelas

As favelas, anônimas ainda na ciência – ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus- talvez um futuro gênero cauterium das leguminosas, têm nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa. Por um lado, a sua epiderme, ao resfriar-se, à noite, muito abaixo da temperatura do ar, provoca, a despeito da secura deste, breves precipitações de orvalho; por outro, a mão que a toca, toca uma chapa incandescente de ardência inaturável. Ora quando, ao revés das anteriores, as espécies não se mostram tão bem armadas para reação vitoriosa, observam-se dispositivos porventura mais interessantes; unem-se, intimamente abraçadas, transmudando-se em plantas sociais. [...] Não estão no quadro de Humboldt, e é possível que as primeiras vicejem, noutros climas, isoladas. Ali se associam. E, estreitamente solidárias as suas raízes, no subsolo, em apertada trama, retêm as águas que se desagregam, e formam, ao cabo, num longo esforço, o solo arável em que nascem, vencendo, pela capilaridade do inextricável tecido de radículas enredadas em malhas numerosas, a sucção insaciável dos estratos e das areias. E vivem. Vivem é o termo – porque há, no fato, um traço superior à passividade da evolução vegetativa.

Euclides da Cunha, *Os sertões*

O monte da favela

O monte da Favela, ao sul, empolava-se mais alto, tendo no sopé, fronteiro à praça, alguns pés de quixabeiras, agrupados em horto selvagem. À meia encosta via-se solitária, em ruínas, a antiga casa da fazenda [...]. O arraial, adiante e embaixo, erigia-se no mesmo solo perturbado. Mas vistos daquele ponto, de permeio a distância suavizando-lhes as encostas e aplainando-os davam-lhe a ilusão de uma planície ondulante e grande.

Euclides da Cunha, *Os sertões*

Favelas

Anônimas ainda na ciência
ignoradas dos sábios,
conhecidas demais dos
tabaréus.

Nas folhas alongadas,
temos notáveis aprestos
de condensação, absorção e
defesa.

Por um lado,
minha epiderme ao resfriar-se
à noite,
muito abaixo da temperatura
do ar,
provoca,
a despeito da secura deste,
breves precipitações de orvalho.

A primeira favela do Brasil
que encontrei
foi uma planta

No alto do morro da Favela
em Canudos
onde lutei.

Termina a guerra
ferido e feliz para o Rio de Janeiro
eu voltei.

Mas o estado não pagou o Soldo não bancou o pouso
pra nenhum soldado.
De-soldado o que fazer?
Morar num morro

Pra não morrer!

Fala dos desoldados, em *Os sertões: A terra*, de José Celso Martinez Corrêa.

malungo*boiado*

pé na tábua ô crioulo
simbora pra
longe ô crioulo

dobrado

na beira!
quenquém na carreira
na beira!
na beira!
quenquém na carreira
na beira!

paulo de andrade, transcrição de vissungo¹

¹ Canto afro-descendente de vida e morte.

Paisagem n° 1

Monotonias das minhas retinas...
Serpentinas de entes frementes a se desenrolar...
Todos os sempre das minhas visões! “Bom giorno, caro.”

Horríveis as cidades!
Vaidades e mais vaidades...
Nada de asas! Nada de poesia! Nada de alegria!
Oh! Os tumultuários das ausências!
Paulicéia – a grande boca de mil dentes;
e os jorros dentre a língua trissulcade
pus e de mais pus de distinção...
Giram homens fracos, baixos, magros...
Serpentinas de entes frementes a se desenrolar...

Mário de Andrade, *Paulicéia desvairada*
(trecho)

Uns homens estão silenciosos

Eu os vejo nas ruas quase que diariamente.
São uns homens devagar, são uns homens quase que misteriosos.
Eles estão esperando.
Às vezes procuram um lugar bem escondido para esperar.
Estão esperando um grande acontecimento.
E estão silenciosos diante do mundo, silenciosos.

Ah, mas como eles entendem as verdades
De seus infinitos segundos.

Manoel de Barros, *Poesia completa*

Língua

A seca foi brava naquele ano.
O pai falou: Lá envém uma língua de fogo
do lado da Bolívia
e vai lamber todo o pasto.
O menino assustou: Língua de fogo?
O pai explicou ao menino que se tratava
de imagem.
Língua de fogo é apenas uma imagem.
Mas, pela dúvida, o menino retirou seu
cachorro da imagem.

Manoel de Barros, *Poemas rupestres*

A de muito que na Corruptela onde a gente vivia
Não passava ninguém
Nem mascate muleiro
Nem anta batizada
Nem cachorro de bugre.
O dia demorava de uma lesma.
Até uma lacraia ondeante atravessava o dia
por primeiro do que o sol
E essa lacraia ainda fazia uma estação de
recreio no circo das crianças
a fim de pular corda.
Lembrava a tartaruga de Creonte
que quando chegava na outra margem do rio
as águas já tinham até criado cabelo.
Por isso a gente sempre pensava que o dia
de hoje ainda era ontem.
A gente se acostumou de enxergar antigamentes.

Manoel de Barros, *Poemas rupestres*

As árvores velhas quase todas foram preparadas
para o exílio das cigarras.
Salustiano, um índio guató, me ensinou isso.
E me ensinou mais: Que as cigarras do exílio
são os únicos seres que sabem de cor quando a
noite está coberta de abandono.
Acho que a gente devia dar mais espaço para
esse tipo de saber.
O saber que tem força de fontes.

Manoel de Barros, *Poemas rupestres*

o Chico às vezes enche
 e derruba as moradas
 dos que ficaram bem perto
 sem ter casa recuada
 acaba com plantações
 leva tudo na enxurrada.

dona pequena é baixinha
 por isso tem esse nome
 mora lá em Juazeiro
 ninguém no mundo a embrome
 quando ela fica nervosa
 dá surra em até dez homens.

ela soube dessa história
 da tal transposição
 que farão no Velho Chico
 para regar o sertão
 repartindo ele em pedaços
 como quem reparte um pão

ela disse: – ninguém faz
 operação no meu Chico
 cuidado dele direitinho
 desde quando era Francisco
 Né hoje depois de velha
 que vão vim meter o bico

como pode um governo
 dizer que veio pra todos
 quer descobrir nosso santo
 e nos deixar a ver lodo
 para ir cobrir um outro
 criando o maior engodo

arrepio

ei ê derrama, chuva –
de-rama
choro gelado, cai – frio que só
acorda pena de guiné
D. Maria de Ouro Fino
crioula bonita não vai na venda
chora, chora, chora só
chove, chove, chove só

paulo de andrade, transcrição de vissungo

Antônio Carrancho

Me chamam de Antônio Carrancho:
Carrancho é por maneira que eu ando de pé virado
moda carrancho mesmo.
Pra bobo eu não sou condicionado.
Sou mais garantido é cantor
porém meu canto é fechado.
Lastreadamente sou Antônio Severo dos Santos.
Carrancho é de caçoadá.
Tenho vareios no olhar as coisas.
Chego de ver vaidade nas garças.
Eu ouço fonte dos tontos.
Pedra tem inveja aos lírios.
Isso eu sei de espiar.
Eu combino melhor com árvores.
Totalmente ao senhor eu falo:
Quem ouve a fonte dos tontos não cabe mais
dentro dele.
Outra pessoa desabre.

Teologia do traste

As coisas jogadas fora por motivo de traste
são alvo da minha estima.
Prediletamente latas.

Latas são pessoas léxicas pobres porém concretas.
Se você jogar na terra uma lata por motivo de
traste: mendigos, cozinheiras ou poetas podem pegar.
Por isso eu acho as latas mais suficientes, por
exemplo, do que as idéias.
Porque as idéias, sendo objetos concebidos pelo
espírito, elas são abstratas.
E, se você jogar um objeto abstrato na terra por
motivo de traste, ninguém quer pegar.
Por isso eu acho as latas mais suficientes.
a gente pega uma lata, enche de areia e sai

E as idéias, por ser um objeto abstrato concebido
pelo espírito, não dá para encher de areia.
Por isso eu acho a lata mais suficiente.
Idéias são a luz do espírito, - a gente sabe.

Há idéias luminosas – a gente sabe.
Mas elas inventaram a bomba atômica, a bomba
atômica, a bomba atôm.....
..... Agora
eu queria que os vermes iluminassem.
Que os trastes iluminassem.

Conheço de palma os dementes de rio.
Fui amigo do Bugre Felisdônio, de Ignácio Rayzama
e do Rogaciano.
Todos catavam pregos na beira do rio para enfiar no
horizonte.
Um dia encontrei Felisdônio comendo papel nas ruas
de Corumbá.
Me disse que as coisas que não existem são mais bonitas.

Manoel de Barros, *O livro das ignorâncias*

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber.

Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*

Queremos ser vistos, queremos que olhem a nossa feiúra, nossa sujeira, que sintam o nosso bodum em toda parte; que nos observem fazendo nossa comida, dormindo, fodendo, cagando nos lugares bonitos onde os bacanas passeiam ou moram. Dei ordem para os homens não fazerem a barba, para os homens e mulheres e crianças não tomarem banho nos chafarizes, nos chafarizes a gente mija e caga, temos que feder e enojar como um monte de lixo no meio da rua. E ninguém pede esmola. É preferível a gente roubar do que pedir esmola.

Rubem Fonseca, *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*

A polícia não tem lugar para botar a gente, as cadeias estão repletas e somos muitos. Ela prende e tem que soltar. E fedemos demais para eles terem vontade de bater na gente. Eles tiram a gente da rua e a gente volta. E se matarem algum de nós, e acho que isso vai acontecer a qualquer momento, e é até bom que aconteça, a gente pega o corpo e exhibe a carcaça pelas ruas como fizeram com a cabeça do Lampião.

Rubem Fonseca, *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*

O andarilho

Eu já disse quem sou ele.
Meu desnome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beiras de rios conchosos.
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)
Não tenho pretensões de conquistar a inglória perfeita.
Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento.
Meus rumos não têm termômetro.
De tarde arborizo pássaros.

De noite os sapos me pulam.
Não tenho carne de água.
Eu pertença de andar atoamente.
Não tive estudamento de tomos.
Só conheço as ciências que analfabetam.
Todas as coisas têm ser?
Sou um sujeito remoto.
Aromas de jacintos me infinitam.
E estes ermos me somam.

orfandade da terra

por falta de justos
minha terra
é áspera de súplica

por falta de fuzis
meu povo
mastiga dor e extravio

nem só a noite arreda
a luz das lavouras

por falta de voz
canto
o prenúncio das foices

Cândido Rolim, *Arauto*

tempo a tempo

organizo exércitos de girassóis
ombros civis ajunto
mãos que sobreviveram à infância
em morredouro de espigas

a quem surgiu da morte
e teceu escuridade ao povo
ergo rifles
tempo a tempo

organizo exército de mãos
hóspedes de colheitas e poemas
terra a terra

desde o silêncio agrupo vozes

Cândido Rolim, *Arauto*

cepas

são tantos os mortos
que de mortos se adubam
e homens por ceifar

são tantos os que sugam do povo
suor e carne confundidos
que têm de morrer antes do tempo

são tantos os que arrastam
os colhões sobre a terra
inofensivos tecedores de óbito

enquanto rasgamos com lágrimas
a gaze da orfandade

são tantos os mortos que procriam
cepas de luto e sombra
e homens por ceifar

Cândido Rolim, *Arauto*

homens e tempos

há tempos que são do povo
matar seu jugo
de faca ou rifle

tempos de arredar
a noite da pele
antes que a solidão
ponha gengivas sobre a terra

tempos de virar o milho
antes que a morte
sonegue os civis

há homens que caem
antes da ceifa
se cantam em seu rosto
as foices do amanhã

Cândido Rolim, *Arauto*

sementes arrancadas de um hino

duro mascar de orfandade
não morrer porque não há vida
não morrer porque não há morte

nascença de morte
morte de nascença

pilastra de medo
que o povo sustenta
em vez de um rifle

duras mãos
que meu povo estende
à safra alheia

duro mascar de orfandade
agradável aos dentes
de alguns homens

Cândido Rolim, *Arauto*

Carteira de Identidade

Registra-me
sou árabe
o número de minha identidade é cinqüenta mil
tenho oito filhos
e o nono... virá logo depois do verão
vais te irritar por acaso?

registra-me
sou árabe
trabalho com meus companheiros de luta
em uma pedreira
tenho oito filhos
arranco das pedras
o pão, as roupas, os cadernos
e não venho mendigar em tua porta
e não me dobro diante das lajes de teu umbral
vais te irritar por acaso?

registra-me
sou árabe
meu nome é muito comum
e sou paciente
em um país que ferve de cólera
minhas raízes...
fixadas antes do nascimento dos tempos
antes da eclosão dos séculos
antes dos ciprestes e oliveiras
antes do crescimento vegetal
meu pai... da família do arado
e não dos senhores do Nujub¹
e meu avô era camponês
sem árvore genealógica

minha casa uma cabana de guarda
de canas e ramagens

satisfeito com minha condição
meu nome é muito comum

¹ Célebre tribo da Arábia.

registra-me
 sou árabe
 sou árabe
 cabelos...negros
 olhos... castanhos
 sinais particulares
 um kuffiah²
 e uma faixa na cabeça
 as palmas ásperas como rochas
 arranham as mãos que estreitam
 e amo acima de tudo
 o azeite de oliva e o tomilho

meu endereço
 sou de um povoado perdido... esquecido
 de ruas sem nome
 e todos os seus homens... no campo e na pedreira
 amam o comunismo
 vais te irritar por acaso?

registra-me
 sou árabe
 tu me despojaste dos vinhedos de meus antepassados
 e da terra que cultivava
 com meus filhos
 e não nos deixastes
 nem a nossos descendentes
 mais que estes seixos
 que nosso governo tomará também
 como se diz

vamos!
 Escreve
 bem no alto da primeira página
 que não odeio os homens
 que eu não agrido ninguém
 mas... se me esfomeiam
 como a carne de quem me despoja
 e cuidado... cuida-te
 de minha fome
 e minha cólera

Mahmoud Darwish, *Poesia palestina de combate*

² Elemento de adorno dos palestinos.

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande

que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos, tem pouca tinta.

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,

a de querer arrancar
alguns roçados da cinza.

Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

Lhe concordo, doutor: sou eu que invento minhas doenças. Mas eu, velho e sozinho, o que posso fazer? Estar doente é a minha única maneira de provar que estou vivo. É por isso que frequento o hospital, vezes e vezes, a exhibir minhas maleitas. Só nesses momentos, doutor, eu sou atendido. Mal atendido, quase sempre. Mas nessa infinita fila de espera, me vem a ilusão de me vizinhar do mundo. Os doentes são a minha família, o hospital é o meu tecto e o senhor é o meu pai, pai de todos os meus pais.

Mia Couto, *O fio das missangas*

Desta feita, porém, é diferente. Pois eu, de nome posto de Sexta-Feira, me apresento hoje com séria e verídica queixa. Venho para aqui todo desclaviculado, uma pancada quase me desombrou. Aconteceu quando assistia ao jogo do Mundial de Futebol. Desde há um tempo, ando a espreitar na montra do Dubai Shopping, ali na esquina da Avenida Direita. É uma loja de tevês, deixam aquilo ligado na montra para os pagantes contraírem ganas de comprar. Sento-me no passeio, tenho meu lugar cativo lá. Junto comigo se sentam esses mendigos que todas as sextas-feiras invadem a cidade à cata de esmola dos muçulmanos. Lembra? Foi assim que ganhei o meu nome de dia da semana. Veja bem: eu, que sempre fui inútil, acabei adquirindo nome de dia útil.

Mia Couto, *O fio das missangas*

Eu sei, doutor, lhe estou roubando o tempo. Vou directo no assunto do meu ombro. Pois aconteceu o seguinte: o dono da loja deu ontem ordem para limpar o passeio. Não queria ali mendigos e vadios, que aquilo afastava a clientela e ele não estava para gastar ecrã em olho pobre. Recusei sair, doutor. O passeio é pertença de um alguém? Para me retirarem dali foi preciso chamar as forças policiais. Vieram e me bateram, já eu estendido no chão e eles me ponteavam, com raiva como se não me batessem em mim, mas na sua própria pobreza. Proclamei que hoje voltaria mais outra vez, para assistir ao jogo. É que jogam os africanos e eles estão a contar comigo lá na assistência. Não passam sem Sexta-Feira. O dono da loja me ameaçou que, caso eu insistisse, então é que seria um festival de porrada. O que eu lhe peço, doutor, é que intervenha por mim, por nós os espectadores do passeio da Avenida Direita. O proprietário do Dubai Shopping não vai dizer que não, se for um pedido vindo de si, doutor.

Mia Couto, *O fio das missangas*

Chego à loja dos televisores e me sento entre a mendigagem. Meus olhos brilham olhando não o jogo, mas as pessoas que olhavam a montra. Quem disse que a televisão não fabrica as actuais magias? O que eu vi num adocicar de visão foi isto, sem mais nem menos: eu e os mendigos de sexta-feira estamos no mundial, formamos equipa com fardamento brilhoso. E o doutor é o treinador. E jogamos, neste momento preciso. Eu sou o extremo esquerdo e vou dominando o esférico, que é um modo de dominar o mundo. Por trás, os aplausos da multidão. De repente, sofro carga do defesa contrário. Jogo perigoso, reclamam as vozes aos milhares. Sim, um cartão amarelo, brada o doutor. Porém o defesa continua a agressão, cresce o protesto da multidão. Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Boa decisão! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida. Afinal, o vermelho é do cartão ou será do meu próprio sangue? Não há dúvida: necessito de assistência, lesionado sem fingimento. Suspendessem o jogo, expulsassem o agressor das quatro linhas. Surpresa minha: o próprio árbitro é quem me passa a agredir. Nesse momento, me assalta a sensação de um despertar como se eu saísse da televisão para o passeio. Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam.

Mia Couto, *O fio das missangas*

Óia, meu fio,

Quando os possêro invadiu aqui,
quer dizer: foi invadido pelos talo donos.
Porque muitos xacriabá vendero
a metade deles da terra.
Vendeu, vendeu pros povo de fora.

Asimiro vendeu dois lugar,
quer dizer:
Um lá em, riba vendeu p'o finado Santo.
Vendeu
e não recebeu,
ficou lá de graça,
lá na passage pra cá'sim, ante cá embaixo.

Dona Arcina Bispo de Santana
Aldeia Brejo Mata Fome (Aldeia Xacriabá, São João das Missões - MG)

Vimos os postos de controle que têm de atravessar os milhares de palestinos a fim de chegarem ao trabalho em Israel, a única fonte econômica de que dispõem. Ficamos bloqueados no meio desses comboios de veículos nos quais ficam presos, duas vezes por dia, os palestinos quando se dirigem ao trabalho e quando dele retornam. Essas filas intermináveis me fizeram pensar no meu próprio país, a Nigéria, entre o primeiro golpe de Estado dos militares e a guerra civil de Biafra, com suas consequências imediatas. Eu podia rever esses rostos de desespero e resignação, mas também a cólera na qual ferve uma população submetida a uma humilhação cotidiana por parte de um exército arrogante.

Wole Soyinka, *A ilha de Polifemo, Viagem à Palestina*

E depois, um dia, você não ouve mais nada. Por quê? Seria idiota te dizer que você ficou surdo! Você não ouve, você não entende, você nem sequer imagina que é você que não ouve mais. Você acha que são os outros que ficaram mudos. Os homens não têm mais voz, a pedra não faz mais barulho. O mundo está silencioso... Mas, então, por que os homens movem os lábios? Você sabe muito bem, meu amigo, que neste país, caso você queira perguntar por quê, é preciso começar fazendo os mortos falarem em seus túmulos. Como é que eu vou saber por quê? Há algum tempo, um bando de traidores do governo veio convocar tropas. A metade dos jovens fugiu, a outra metade se escondeu. Sob o pretexto de vasculhar as casas, os milicianos pilharam e saquearam tudo.

Atiq Rahimi, *Terra e cinzas*

“*Hala...*¹ selvagens...árabes”
sim! Árabes
e estamos orgulhosos
e sabemos como empunhar a foice
com resistir
inclusive sem armas
e sabemos como construir a fábrica moderna
a casa
o hospital
a escola
a bomba
o foguete
a música
e escrevemos entre os mais belos poemas
sentimentos, ideias e arquitetura

Mahmoud Darwish, *Poesia palestina de combate*

¹ Saudação de boas-vindas.

Emigração

Todos foram embora
em direção àquele lugar ao norte
onde a grama cresce
até a altura do seu peito
Deixaram atrás de si
tiras de farrapos das roupas de seus filhos
e o varal de suas tendas
Foram embora
Suas crianças nos lombos das mulas
Seus jovens carregando cestos
e com os sinos de suas ovelhas
Eles eram como uma nuvem
galgando o céu
Quanto mais eles penetravam a terra
tanto mais expandiam-se suas sombras
retornando em direção aos campos

Seus cães estavam emudecidos
Eles deviam ultrapassar a migração, então sentar-se
com seus olhos vigiando
o movimento das sombras
quando elas corriam de volta
como um rio escuro

Onde nasci não passa um rio

passa um rego
refletindo toda miséria margeada.

O rio que gostaria que passasse onde nasci
não existe.
Uma esperança: quando chovia o rego demudava:
desciam lata, pano, colher, caco.
O que nos sobrava.

Jônatas Conceição da Silva, *Miragem de engenho*

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
 ecoou criança
 nos porões do navio.
 ecoou lamentos
 de uma infância perdida.

A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 no fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado
 rumo à favela.

A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.

A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 o eco da vida-liberdade

Atopia, utopia

Áporo

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.

Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:

em verde, sozinha,
antieuclediana,
uma orquídea forma-se.¹

As imagens de atopia e utopia, presentes em *Os sertões*, de Euclides da Cunha, são potencializadas por José Celso Martinez-Corrêa, numa transcrição poético-filosófico-política da obra para o seu Teatro transformador. Zé Celso traz a reflexão dos territórios de sertões à contemporaneidade, fazendo da montagem da peça uma forma de manifestação, de luta e de resistência contra o poder do capital representado pelo Grupo Silvio Santos em seu desejo de adquirir a *terra*, o terreno do Teatro Oficina para a construção de um *shopping-center*:

¹ ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 49.

A criação desse trabalho é dedicada a todo poder de desmassacre da Arte do Teatro e à atuação do Poder Transhumano da Multidão, seu público, para não somente conter a ameaça do Teatro Oficina ser Massacrado por um shopping Center mas principalmente para criar em seu entorno tombado o Teatro de Estádio, a Oficina de Florestas, a Multiversidade da Cultura Popular Brazyleira Antropofágica e a Praça da Cultura transfiguradora do minhocão.¹

Em suas múltiplas formas, os territórios de sertões e utopias se disseminam nos mais diversos lugares, revelando o infinito desconhecido, em nós: *lalangue*.

¹ MARTINEZ-CORRÊA. *Os sertões: a luta: segunda parte - O desmassacre*.

Os conflitos aumentam
os fundamentalistas cristãos,
a direita, o CC atual,
quanto mais o povo libertário,
faminto,
excluído se levanta e se vira,
mais ameaça entrar nesta cena e induzir ao massacre,
à missa
à pizza,
à repetição do extermínio de Canudos.
Somos um ponto luminoso cantante
numa constelação mundial ameaçada sempre,
como nossa mãe Terra

José Celso Martinez Corrêa, *Os sertões: a terra*

O corpo cantante constante dos Sertões somente está sendo possível porque deve haver agora no corpo da Terra, do Homem, no mundo esta Luta, pela mais que vida, pela sacramentação do desmassacramento.

José Celso Martinez Corrêa, sobre a montagem de *Os sertões: a terra*

São tantos
sertões pra vaguear
são tantos
sertões de curaçá,
nesse ano,
duplo 7
ano de 77,
grande seca apocalíptica,
no mundo não global,
holocausto colonial,
capital do fim do mundo,
Chorrochó,
Chorrochó,
Chorrochó,

Fala do Conselheiro e Farândola de fiéis em *Os sertões: o homem II: da revolta ao trans-homem*, de José Celso Martinez Corrêa

Surdo tropear de bárbaros

As catacumbas líricas se esgotam, míticas
ou desembocam,
nas catacumbas políticas
Corpo sertão
sem órgãos
saúda o cosmos,
multidão.

José Celso Martinez Corrêa, *Os sertões: a luta I: primeira parte - 1ª, 2ª
e 3ª expedições* + Rua do Ouvidor

O lápis

É por demais de grande a natureza de Deus.
Eu queria fazer para mim uma naturezinha particular.
Tão pequena que coubesse na ponta do meu lápis.
Fosse ela, quem me dera, só do tamanho do meu quintal.
No quintal ia nascer um pé de tamarino apenas para uso dos passarinhos.
e que as manhãs elaborassem outras aves para compor o azul do céu.
E não fosse pedir demais eu queria que no fundo corresse um rio.
na verdade na verdade a coisa mais importante que eu desejava era o rio.
No rio eu e a nossa turma, a gente iria todo dia jogar cangapé nas águas correntes.
Essa, eu penso, é que seria a minha naturezinha particular:
Até onde meu pequeno lápis poderia alcançar.

De 2002 a 2005

Antropofagia dançante,
 como as multidões brasileiroas
 sobrevivendo
 reinventando a vida, funkando
 sambando, hiphopando, badalando,
 berrando pra não ser rebanho
 da fatalidade da engrenagem
 financeirista imperial
 com seu canto cover e sua digito
 dança dos cifrões.
 Sim-cronia com os índios da
 américa latina surgindo como
 cogumelos bolivianos cantando
 com seus lap tops,
 incas, guaranis, mapuchos
 tecnizados,
 Sim-cronia com os sem terra
 nossos primos, bisnetos do
 conselheiro,
 grandes multidões em marchas
 cantantes dos povos para brazilha,
 Sim-cronia com os sem teto de
 onde vem o canto do bexigão
 sim-cronia com os grupos de teatro
 de são paulo e do brasil,
 em florada rítmica de quaresmeiras.
 sim-tonia com os movimentos
 trágico do mundo
 tragicomycorgiasyco.

Os mártires suicidas,
 na situação de escolha entre uma
 ordem de escravidão imperial ou o
 suicídio,
 os bandidos da favela,
 criados pela criminalização de
 Santa Maria: princípio feminino.
 Nossa Senhora da vegetação
 como cultuamos que comungam o
 ayuasca
 talvez escolhessem outro caminho,
 se passassem pelo suicídio iniciático
 da cultura teatral.

A arte é como insistia Artaud,
 mais forte e sedutora que o crime,
 e que a educação
 que só pode ser a da arte de viver,
 de criar,
 do contrário é domesticação e
 pastoreio de rebanho.

E temos visto no Brasil toda essa possibilidade para o marginalizado: ao invés do que acontece, se armar com as armas do inimigo jogar, cantar, atuar, dançar no canto dos povos uma revolução cultural inspirando a renovação da vida social injusta e da política submetida ao neo colonialismo mercantilista.

Gandhi libertou Índia do Império Inglês com o pacifismo, mas no Brasil, aprendi na universidade diária de “Os Sertões”, que o movimento certamente não é este, mas o de uma revolução cultural que vem trazendo a paz com pão, vinho e circo na cadência da transmutação dos valores, despertando a criatividade, a

imaginação, a descolonização, a desvotização diante dos impasses de qualquer aparelho que nos amarre a nós mesmos, ou o país: seja o Tabu da micro mediocridade estagnada na pobreza do eguinho, seja o que Ian Kott, grande filósofo polonês do teatro, chamou de Grande Mecanismo – o grande moedor de carne de todos os reis das peças de Shakespeare, ou o que Sartre batizou de “A engrenagem”, ou mais simplesmente: a Macroeconomia Imperial do Bancocentral. Pode se roubar a vontade enquanto não se desmontar o Grande Mecanismo da Colonização.

Ou o povo come ou é devorado.